

Herberto Helder

# EM MINÚSCULAS

crónicas e reportagens  
de Herberto Helder em Angola

*Investigação, digitalização, transcrição,  
revisão e seleção*

DANIEL OLIVEIRA  
DIANA PIMENTEL  
RAQUEL GONÇALVES

## NOTA

*Embora não esteja aqui coligida a totalidade das suas colaborações, todos os textos deste livro foram publicados no Notícia – Semanário Ilustrado, no período em que Herberto Helder viveu em Luanda. Correspondem a pouco mais de um ano de colaboração – entre abril de 1971 e junho de 1972 – em que o poeta assinou como Herberto Helder e Luís Bernardes (ou respetivas iniciais). Vários artigos e reportagens foram originalmente acompanhados por fotografias de Eduardo Guimarães (a quem Herberto dedica um dos textos), Eduardo Baião, Joaquim Cabral, António Cruz, António Capela, Fernando Filho e, no caso de «As ruínas da casa de Almada», Troufa Real. Porque as fotografias não são reproduzidas neste livro não se considerou necessário incluir o nome dos fotógrafos na assinatura dos respetivos artigos, como constava nos textos originais. Entre redatores e colaboradores do Notícia, quando Herberto Helder lá trabalhou, estavam António Gonçalves, Eduardo Guimarães, Fernando Fariinha, Ventura Martins, Fernando Dacosta, Luiz Pacheco, Natália Correia, Carlos Porto, Agostinho da Silva, Alexandre O'Neill, Lauro António e José Manuel Rodrigues.*

## PREFÁCIO

Se perguntassem a Herberto Helder se alguma vez foi jornalista é possível que respondesse, com um sorriso irónico ou até alguma irritação, que não. Diria, talvez, que escreveu no *Notícia* para poder viver em Angola. Assim como antes escrevera em jornais da metrópole por «coisas de dinheiros». E se olharmos para o jornalismo que quotidianamente era e é feito é justo dar-lhe razão. Recusa a impessoalidade competente, foge da narrativa de consumo confortável, não se compartimenta em géneros com as suas respetivas receitas e sorri de quase tudo que é o que quase tudo merece. Conta-nos quase tudo como se fosse a primeira vez que vê e que a coisa é vista, com uma virgindade nada inocente. Herberto Helder não foi jornalista porque foi sempre outra coisa qualquer.

Ouvi-lhe várias vezes recusar o título de «escritor», preferindo apresentar-se como «leitor». E suspeito que o jornalista Herberto Helder (ou Luís Bernardes) se dedicou, como o guarda do Mercado de São Paulo de que fala numa reportagem, a uma «vida de ver». Coisa que a maioria dos jornalistas, por economia de tempo e de talento, não faz. Herberto não foi jornalista porque recusava todas as funções a que genericamente chamamos, cheios do que fazemos, de trabalho. Como nos explica numa das crónicas, de todos os talentos que admirava em Almada Negreiros, o que mais invejava era «o de nada fazer». A vida é para ser vista, não para ser trabalhada. Por isso vibrou com as máquinas

inúteis de Jean Tinguely, reconhecendo que «sempre amara as coisas benemeritamente dispostas para a não produção de outras coisas».

As razões do profundíssimo desinteresse que tinha pela imprensa estão venenosamente descritas em «Maiúsculas e Minúsculas», texto a que fui buscar o título deste livro. Não porque seja minúsculo em medida ou qualidade o que aqui se publica. Pelo contrário, estas reportagens e crónicas estão seguramente entre o melhor que se escreveu na imprensa nacional, se me é permitida a parcialidade. Da espécie de entrevista a Carlos do Carmo, um jogo do gato e do rato em que o entrevistador se dá sempre como derrotado, à atualíssima crónica sobre turistas ou ao passeio que foi dar a um Sporting-Benfica (nem tudo aqui se passa em Angola), de que sempre ouvira falar e finalmente consegui ler, em tudo encontro o corrosivo mas nada azedo humor que sempre lhe conheci. Minúsculas, escrevia eu, porque a função destes textos na vida de Herberto Helder foi talvez a mesma de outros ofícios a que não costumam ser oferecidas pomposas capitulares, como os que teve na Holanda e na Bélgica. Ele sabia que eram as minúsculas vaidades que erguiam a maiúscula da Imprensa.

Este livro não permite apenas conhecer uma faceta menos obscura, e por isso menos comum, em Herberto Helder. Permite acompanhar a sua curta mas marcante experiência africana. É por isso mesmo que a ordem dos textos é quase cronológica, tendo apenas ficado para o fim três artigos publicados na secção «Livros», pela sua natureza um pouco distinta dos restantes. Fica assim mais fácil acompanhar a adaptação – ou crescente inadaptação – de Herberto ao ofício e a descoberta que foi fazendo de Angola. Onde a crítica política e social vai surgindo no retrato que faz

de Luanda, um cabaré onde as lantejoulas tapam onde dói muito, e de Angola. Umas vezes subliminar e às vezes nem tanto.

Nem tinha dois anos quando o meu pai, cultor do amor mas não da família quotidiana, partiu para África, a quem ele julgava pertencer o futuro. Com estes textos, que sabia escritos mas nunca lera, aproximei-me desse tempo da sua vida, quando ele quase a ia perdendo. Neles reconheço o homem que se mantinha longe do que é mundano para conseguir estar perto do que é do mundo. E o seu humor, o seu humor.

Daniel Oliveira

Um homem com um metro de altura [21 de Agosto 1971].....	82
Chlop!... [29 de Agosto 1971] .....	89
O gozo da literatura [4 de Setembro 1971] .....	91
Música corpo a corpo [11 de Setembro 1971].....	97
Eu que apareci acidentalmente vivo [18 de Setembro 1971] .....	101
O verdadeiro mistério do mundo é o visível, não o invisível ...	104
[18 de Setembro 1971]	
Outros tempos, outras gentes [25 de Setembro 1971] .....	105
Os doutores cansados [2 de Outubro 1971] .....	107
Angola debaixo de água [16 de Outubro 1971] .....	109
Batiques [23 de Outubro 1971].....	112
Um passeio ao campo [8 de Janeiro 1972].....	115
As cóleras que a gente tem [5 de Fevereiro 1972].....	122
Carnaval à granada [19 de Fevereiro 1972] .....	124
O meu turista preferido [26 de Fevereiro 1972].....	126
Hair [4 de Março 1972] .....	128
Varre, varre, vassourinha [4 de Março 1972] .....	129
O torto sentido do direito [11 de Março 1972].....	132
Gringo não perdoa [11 de Março 1972].....	134
Em louvor de Lydia [11 de Março 1972] .....	136
Seca [15 de Abril 1972].....	138
Museu do Café [13 de Maio 1972] .....	148
O que faz fugir o motorista? [13 de Maio 1972].....	153
Que chatice o domingo!... [20 de Maio 1972] .....	157
Como todas as escolas esta tinha os vidros partidos.....	160
[27 de Maio 1972]	
Da gente hospitalar [10 de Junho 1972] .....	163
Porque arde um homem [10 de Junho 1972] .....	165
As ruínas da casa de Almada [10 de Junho 1972] .....	170
Onze mulheres de cada lado [17 de Junho 1972] .....	173

O caso dos comedores de orelhas [24 de Junho 1972].....	179
«Poemas Escolhidos», de Jorge Luís Borges.....	181
[25 de Dezembro 1971]	
«História trágico-marítima», Bernardo Gomes de Brito.....	185
[15 de Janeiro 1972]	
«Poesia e Cartas», José Bação Leal [22 de Janeiro 1972] .....	188
Notícia do acidente de Herberto Helder, a 18 de Março.....	191
[25 de Março 1972]	